

CAMINHOS DO QUILOMBO: TURISMO ÉTNICO COMO ECONOMIA SOLIDÁRIA NA COMUNIDADE DO PÊGA EM PORTALEGRE/RN

Camilly Menezes Costa¹
Camila Yasmin Ferreira da Silva²
Cinthya Beatriz Mariano Duarte³
Antônia Sthefany da Silva Alves⁴
Lídia Gabriela Rodrigues de Souza⁵

INTRODUÇÃO

A comunidade quilombola do Pêga - Portalegre/RN, localizada a 6 km do centro da cidade, apesar de estar geograficamente próxima da cidade e manter viva as tradições adquiridas por gerações, ainda é desconhecida por parcela considerável de sua população. Lá encontramos as Filomenas, um grupo de mulheres que se inicia em 2019, criado para fortalecer a economia e a cultura afro-brasileira dentro da comunidade e manter viva as tradições, além de gerar renda a partir dos saberes e fazeres no âmbito da culinária, artesanato, e artes visuais.

O combate ao racismo ambiental, como é conhecido na literatura atual (MORAES, 1989), ocorreu de forma tardia. Assim, é urgente o desenvolvimento, ampliação e valorização de práticas que levem em consideração o fortalecimento da cultura de povos diversos, sobretudo os tradicionais, indígenas e quilombolas, respeitando suas dimensões sociais, culturais e étnicas.

A criação de estratégias para o desenvolvimento de um turismo étnico, como apoio à economia solidária desse grupo, que possibilite a geração de renda, como também o respeito e reverência a outros que queiram adentrar não só ao espaço físico do quilombo, mas à imersão na cultura. Ou seja, uma troca de saberes, totalmente fortalecida pela própria ideia do fazer extensão e com o preceito do Agô (do *iorubá*) que é pedir permissão aos nossos ancestrais para entrar, sobretudo nesses territórios.

Conhecer lugares, povos e saberes, manter contato com a dimensão material e simbólica das comunidades, vivenciar experiências de um lugar é também compartilhar de seus símbolos,

¹ Disc. do curso Téc. de alimentos, IFRN/Pau dos Ferros, costa.camilly@escolar.ifrn.edu.br;

² Disc. do curso Téc. de alimentos, IFRN/Pau dos Ferros, camila.y@escolar.ifrn.edu.br;

³ Disc. do curso Téc. de alimentos, IFRN/Pau dos Ferros, cinthya.d@escolar.ifrn.edu.br;

⁴ Disc. do curso Téc. de apicultura, IFRN/Pau dos Ferros, antonia.sthefany@escolar.ifrn.edu.br;

⁵ Mestre, Prof.^a Substituta em Geografia no IFRN/Pau dos Ferros, lidiagaby@gmail.com.

participando da representatividade cultural dos locais visitados. Uma vez que a riqueza cultural de uma comunidade, ao ser preservada, representa uma forma de manutenção do grupo é utilizada como fomento ou elemento potencializador para a atividade turística, principalmente neste momento em que se observa o crescente interesse pela pluralidade étnica e pela diversidade cultural.

Assim, esse trabalho tem como objetivo reconhecer e valorizar a cultura do quilombo do Pêga por meio da inserção do turismo étnico como um instrumento socioeconômico sustentável, por meio de ação de extensão vinculado ao IFRN (*campus* Pau dos Ferros).

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Com o intuito de alcançar o objetivo proposto, o projeto está sendo desenvolvido por meio dessas etapas metodológicas descritas a seguir:

- 1) Pesquisa etnográfica e histórica: a fim de documentar as tradições, ritos e crenças ancestrais do quilombo do Pêga;
- 2) Rodas de conversa com as mulheres do quilombo (as Filomenas): para estabelecer uma parceria eficaz com a comunidade do quilombo, é importante envolver as mulheres que, muitas vezes, desempenham um papel central na preservação das tradições culturais e na liderança comunitária;
- 3) Desenvolvimento de roteiros turísticos: nesta etapa, os roteiros turísticos que valorizem a cultura e as tradições do quilombo serão criados;
- 4) Criação de uma identidade audiovisual: capturar as tradições culturais e valores ancestrais em imagens e vídeos;
- 5) Criação de homepage: elaborado para possibilitar uma maior rede de contato entre a comunidade quilombola e o público externo, além de divulgar os produtos oferecidos (roteiro turístico ou itens produzidos no quilombo), o site será o fruto mais complexo do projeto;
- 6) Avaliação de impacto: para avaliar o impacto do turismo étnico no quilombo do Pêga.

REFERENCIAL TEÓRICO

As ações de extensão são contínuas com caráter educativo, social e cultural, científico ou tecnológico, com objetivo específico e prazo determinado. Surgem a partir das linhas consideradas prioritárias com o propósito de integrar o ensino/pesquisa/extensão de forma

social instituições públicas com público externo. Este trabalho se possibilita pela área temática de cultura e arte, como forma de fortalecimento das culturas de povos e comunidades tradicionais, indígenas, quilombolas, respeitando suas dimensões sociais, culturais e étnicas.

A partir disso, podemos estudar e compreender o próprio conceito de quilombo, sua consolidação e relevância para conhecimento e difusão de uma etnia por meio dos elementos de identidade e território. O qual denota pertença dos segmentos negros em diferentes regiões e contextos e é utilizado para designar ancestralidade com legado, herança cultural e material que lhe confere uma referência de ser e pertencer a um lugar. Estas áreas normalmente se associam a comunidades negras rurais, muitos historicamente expropriados ou em fuga. Os quilombos, são formados de famílias que se desenvolveram por gerações nesses espaços, e essa identidade quilombola, construída a partir da necessidade de lutar pela terra ao longo das últimas décadas no decorrer da própria evolução histórica (SCHMITT et al, 2002).

Então, como proposta de intervenção a comunidades cheias de história é possível, se propor algumas medidas para uma economia forte e solidária, dotada de sentimentos e símbolos que adequam o econômico, social e histórico. Sendo o turismo étnico, baseado no legado étnico ancestral de pluriétnicidade como uma alternativa frente ao turismo de massa. Pois, a sustentabilidade nesse tipo de turismo se volta a pensar nas especificidades locais, transformando espaços de histórias e vivências em territórios turísticos, repercutindo na vida social, econômica e cultural das comunidades tradicionais (SILVA; CARVALHO, 2010).

Essas comunidades desenvolvem formas particulares de manejo dos recursos naturais, que não visam diretamente ao lucro, mas à reprodução cultural e social, bem como percepções e representações em relação ao mundo natural e cultural marcadas pela ideia harmônica de associação com a natureza e seus ciclos. Entre as chamadas populações tradicionais, destacam-se as comunidades rurais remanescentes de quilombos.

Assim, o recorte espacial deste trabalho é a comunidade quilombola no sítio Pêga em Portalegre, região serrana do Rio Grande do Norte, a qual guarda um passado marcado pelo preconceito racial. Afastados pelos brancos da cidade e de festividades, precisavam fazer reuniões em esconderijos. A terra era chamada de Sítio Macaco, e era de propriedade das famílias Jacinto e Delmiro.

Os quilombolas tiveram sua identidade negada por muitos anos, e por isso não se intitulavam um quilombo de resistência. Só depois de viajarem para outros lugares é que compreenderam o significado da denominação quilombola. Essas situações são memórias tristes revividas por Dona Aldizes da Conceição Bessa (moradora matriarca da comunidade). Mesmo diante do preconceito, as famílias não desistiram.

As grandes parceiras locais que possibilitaram a implementação desta proposta são as Filomenas, que é um coletivo de mulheres que se inicia em 2019, inclusive a escolha do nome se dá por ser o nome de uma das mulheres mais antigas da comunidade. As mesmas, já começam a se organizar como coletivo de mulheres negras e economia solidária.

Temos a feira de terreiro, com exposição e venda dos produtos, artesanais, em barro e tecidos, culinária, doces caseiros de frutas naturais, produzido pelas mulheres Filomenas. Nos eventos culturais também é realizada a tradicional junta panela, onde cada família prepara seu prato e compartilha com outras famílias de modo coletivo. Também tem a dança de São Gonçalo, é de origem Portuguesa, foi introduzida no Brasil pelos fiéis do Santo, sendo logo assimilada pelos negros. Uma das únicas autênticas manifestações culturais desse nível no estado do Rio Grande do Norte.

Para fomentar a autodeclaração, do se reconhecer e se identificar como negro, por moradores da própria comunidade, é trabalhado o Projeto de Leitura e Contação de História intitulado: "Mamulendo e Tricotando", como crianças, jovens e adultos da comunidade, com referências bibliográficas de pessoas pretas, como literatura, e personagens pretos, que reafirmam a história potente das ancestralidades, e as atuais mulheres pretas e homens pretos. Ou seja, o IFRN é um suporte técnico e administrativo permeando todo o aprendizado ancestral, para que haja uma melhor divulgação de pacotes de acesso aos mesmos, o que soma e viabiliza a funcionalidade do projeto das Filomenas em si.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para facilitar a compreensão do que se espera como resultado deste trabalho, de maneira bem sucinta elucidamos pontos de relevância que esperamos com projetos como esse, os quais estão elencados abaixo:

1. Reconhecimento e valorização da cultura e tradições do quilombo do Pêga, contribuindo para a preservação do patrimônio cultural imaterial e a autoestima da comunidade;
2. Geração de renda para a comunidade, por meio do turismo étnico, contribuindo para a diversificação da economia local e a redução da vulnerabilidade social;
3. Fortalecimento da identidade e coesão da comunidade do quilombo do Pêga, por meio da participação em atividades de turismo étnico e da valorização de suas tradições e cultura;
4. Desenvolvimento de capacidades empreendedoras e de gestão, por meio da realização de oficinas e capacitações voltadas para o turismo étnico;

5. Divulgação da história, cultura e tradições do quilombo do Pêga para o público em geral, por meio da criação de roteiros, oficinas, feirinhas e uma homepage;
6. Publicações em periódicos acadêmicos e científicos, para compartilhar a experiência do projeto com outros pesquisadores e profissionais interessados no tema do turismo étnico;
7. Apresentações em conferências e eventos, para disseminar os resultados e lições aprendidas do projeto para uma audiência mais ampla;
8. Publicação de relatórios e materiais didáticos sobre o projeto, para compartilhar informações com a comunidade local e outros interessados em turismo étnico;
9. Divulgação na mídia local e nacional, por meio de entrevistas, reportagens e outras formas de cobertura jornalística;
10. Utilização das redes sociais e de uma *homepage* para divulgar o projeto, compartilhar fotos e informações sobre as atividades realizadas, e engajar o público em geral no tema do turismo étnico e na valorização da cultura e tradições do quilombo do Pêga.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A perspectiva maior desse projeto é pensar no reconhecimento de que povos tradicionais, como o quilombo do Pêga, pode se utilizar do turismo étnico como uma maneira eficaz de promover valores ancestrais, cultural e econômica do quilombo, além de criar oportunidades de inclusão social e desenvolvimento sustentável.

E que iniciativas como essa via a criação de identidade audiovisual e promoção de roteiros turísticos, haja uma valorização da cultura local, que auxilie na preservação e difusão dos valores ancestrais. Assim, possibilitar o estabelecimento de uma representação simbólica imaterial, que seja reconhecida e valorizada tanto dentro como fora da comunidade. Além de auxiliar na evolução/emancipação econômica de mulheres pretas de uma comunidade quilombola.

Palavras-chave: Povos tradicionais, Cultura, Ancestralidade, Economia.

REFERÊNCIAS

ALVARADO, P. A. R. **Mulheres negras na economia solidária: autonomia, identidade e resistência. Um estudo comparativo entre a Colômbia e o Brasil.** Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Integração da América Latina. São Paulo, 2013.



ASA BRASIL. **Comunidades tradicionais**. Disponível em:

<https://www.asabrasil.org.br/122-ix-enconasa/experiencias/terra-e-territorio/9955-comunidade-quilombola->

[pega#:~:text=A%20comunidade%20quilombola%20P%C3%A7%C3%A3o%20no,precisavam%20fazer%20reuni%C3%B5es%20em%20esconderijos](#). Acesso em: 13 abril 2023.

BRASIL. Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010. **Institui o Estatuto da Igualdade Racial**; altera as Leis nos 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2010

CAPRINI, A. B. A.; BECALLI, F. Z. (org.). **Educação para as relações étnico-raciais: experiências e reflexões**. 1 ed. Vitória: EdIFES, 2018.

FILGUEIRA, A. L. S. Racismo ambiental, cidadania e biopolítica: considerações gerais em torno de espacialidades racializadas. **Ateliê Geográfico** - Goiânia-GO, v. 15, n. 2, ago/2021, p. 186 – 201

MARTINS, E. S.; PIMENTA, S. G. Diversidade étnico-racial, formação e trabalho docente: (as)simetrias do tempo presente. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, MG, v. 11, n. 00, p. e020014, 2020.

MORAES, A. C. R. 2a. Ed. **Ideologias geográficas**. São Paulo: HUCITEC, 1989.

RATTS, A. Geografia, relações étnico-raciais e educação: a dimensão espacial das políticas de ações afirmativas no ensino. **Terra Livre**. São Paulo/SP, Ano 26, v.1, n. 34 p. 125-140, 2010.

SAHAIDAK, A. Turismo em uma comunidade quilombola: a cultura com suas possibilidades e alcances. In: **Semintur Jr.**, 2010, Caxias do Sul-RS.

SANTOS, L. P. Èmí, Ofò, Asé: A Presença Cênica e a Sutileza Performativa das Mulheres do Asé. **Memória ABRACE**, v. 19, p. 4272-4292, 2018.

SCHMITT, A.; TURATTI, M. C. M.; CARVALHO, M. C. P. A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas. **Ambiente & Sociedade** - Ano V – N.º 10, 2002.

SILVA, R. E.; CARVALHO, K. D. Turismo Étnico em comunidades quilombolas: perspectiva para o etnodesenvolvimento em Filipa (Maranhão, Brasil). **Turismo & Sociedade**, Curitiba, v. 3, n. 2, p. 203-219, 2010.